

APRESENTAÇÃO

FONOLOGIA E INTERFACES

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer | [Lattes](#) | carmen.matzenauer@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande | Universidade Federal de Pelotas | CNPq

Cláudia Regina Brescancini | [Lattes](#) | bresc@pucrs.br
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | CNPq

O reconhecimento de interfaces da Fonologia está vinculado ao próprio funcionamento do sistema linguístico, tanto em sua condição interna, a partir de uma interpretação estreita do termo *interface*, ao se considerarem as relações entre os componentes que constituem a língua, como em sua condição externa, em uma perspectiva ampla do termo, ao se considerar a relação entre esses componentes e os ramos da Linguística que estabelecem conexão com outras áreas do conhecimento. É incontestável que, em seu plano interno, nos sistemas linguísticos está incluída a existência de interseção entre os diferentes componentes, como o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico, e de muitas fronteiras, por vezes controversas, entre eles compartilhadas, como também, em seu plano externo, estão presentes dimensões de naturezas diversas, como a sócio-histórica, a antropológica, a psicológica, a clínica, a tecnológica, entre outras.

A natureza multifacetada dos sistemas linguísticos é desafiadora e muitos são os linguistas brasileiros que enfrentam o jogo de voltar-se para fenômenos de interface no exame do funcionamento do português, um movimento inspirado pelas pesquisas de interface conduzidas na área nos últimos anos, consideradas como [...] *the most intellectually engaging and challenging research* [...] por Ramchand e Reiss (2007, p. 2). As mudanças teóricas e metodológicas pelas quais a Fonologia, como disciplina, vem passando, atestadas por Oostendorp et al. (2011), justificando a constatação desses autores de que estamos vivendo hoje [...] *a very exciting time to be a phonologist* (OOSTENDORP et al. 2011, p. xxxi), são motivadas, em grande parte, pela formulação de questões sobre a estrutura sonora das línguas que necessitam da aproximação de diferentes componentes da Linguística para serem respondidas de maneira eficiente.

Com foco no componente fonológico da língua, as relações com a face fonética do sistema, com a realidade do funcionamento de estruturas morfológicas e sintáticas

e com a sua representação na forma escrita são, por exemplo, temas de alguns estudos de interface. Outras pesquisas de interface voltam-se para a comparação entre diferentes fonologias ou para abordagens teóricas diferenciadas e seu poder explicativo diante de fatos fonológicos. Há também investigações que, em visões de interfaces, descrevem e analisam o comportamento da fonologia sob o viés de sua aquisição, como primeira ou segunda língua, ou de sua variação e mudança. Estas últimas visões são capazes de reunir fenômenos fonológicos e sociais, oferecendo o encaixamento social de fatos estruturais da língua. Têm-se, portanto, espécies de desdobramentos em abordagens de interfaces da fonologia, que tornam os estudos mais complexos e que também lhes podem atribuir maior alcance e maior interesse.

É nesta visão ampla e multifacetada que estão situados os doze artigos que compõem este número da *Working Papers em Linguística*.

A interface da fonologia do português com a sua manifestação escrita está presente no estudo intitulado *A interface grafema-fonema no tratamento de desvios ortográficos recorrentes de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental*. Os autores argumentam que o conhecimento fonético-fonológico está subjacente à presença de desvios ortográficos em alunos de todos os anos do Ensino Fundamental, sendo que, em uma observação voltada para produções textuais de estudantes do 9º ano, identificaram relações entre processos fonológicos e desvios ortográficos e elencaram três categorias como mais recorrentes: o apagamento de <r> em coda e sua hipercorreção, o alçamento vocálico e sua hipercorreção, e a concorrência de grafemas para representar a fricativa alveolar surda. O resultado conduziu à proposição de um caderno pedagógico com atividades reflexivas, contextualizadas, discursivas e específicas para o tratamento de cada uma das dificuldades ortográficas.

Com foco no registro gráfico da nasalidade vocálica em posição medial de palavra, as autoras do artigo *A grafia da nasalidade medial pós-vocálica por crianças de três variedades do português* descrevem e analisam textos de crianças falantes de três variedades do português – o português brasileiro, o português europeu e o português moçambicano –, tendo como mote as divergências teóricas em relação à existência de vogais nasais no inventário vocálico da língua. Adotando a posição de que a escrita tem a sua aquisição ancorada na fonologia e seguindo a proposta de Miranda (2018), o exame dos resultados leva ao entendimento de que, no inventário fonológico das crianças, há o funcionamento de vogais nasais, diferentemente do que ocorre na fonologia dos falantes adultos da língua, e que o processo de aquisição da escrita contribui para o desfazimento dessa representação monofonêmica que há na fonologia das crianças que estão em aprendizagem da

escrita. A análise de textos pertencentes ao Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE) de 1º e 2º anos do ensino fundamental de escolas de ensino público das cidades de Pelotas (Brasil), Porto (Portugal) e Maputo (Moçambique) aponta grafias semelhantes para a marcação da nasalidade nas três variedades do português estudadas, confirmando a complexidade que constitui o registro da nasalidade para os aprendizes em processo de aquisição da escrita.

O artigo cujo título é *Hipercorreção da coda final (r) em textos digitais: um fenômeno variável* aborda uma relação entre o conhecimento linguístico dos falantes e a escrita de verbos que, em textos digitais, são variavelmente caracterizados pela marcação hipercorretiva da coda final (r), o que os torna estruturalmente idênticos a formas infinitivas. A análise tem por orientações os princípios teóricos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2018 [1968]) e as postulações dos Modelos Baseados no Uso (BYBEE, 2016 [2002]; PIERREHUMBERT, 2003, 2016; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2020), seguindo a noção de que o item lexical é a peça-chave para a apropriação do conhecimento linguístico e de que a natureza multimodal dos exemplares, na perspectiva teórica multirrepresentacional, abarca não apenas informações estruturais e sociais, mas também aquelas de ordem gráfica. A análise de sequências como “a maldade está nos olhos de quem *ver*”; “eu *dormir* muito ontem”, à luz da Teoria da Variação e Mudança, conduz à indicação da relevância da *dimensão do vocábulo* e da *vogal antecedente* como favorecedoras da hipercorreção, no exame de variáveis de efeitos fixos, e a um possível condicionamento lexical, na análise com efeitos aleatórios do fenômeno. O estudo revela a presença da marcação hipercorretiva da coda final (r) mesmo textos menos monitorados, o que pode estar indicando, segundo os autores, que o processo já se encontra computado na gramática dos escreventes.

O artigo *O construto da atenção nos estudos sobre fonologia de segunda língua entre os anos de 2010 e 2021* oferece uma revisão sistemática de 18 pesquisas que investigaram a relação entre a atenção e o conhecimento fonológico em L2, com o objetivo central de construir um mapeamento de referência para estudos futuros sobre o tema. Os aspectos levantados em cada estudo envolvem o perfil de participantes, os tipos de instrumento adotados para acesso à fonologia da L2 e ao controle da atenção e os principais resultados obtidos. Apesar da diversidade de métodos empregados, a análise comparativa dos estudos aponta para a preferência por participantes adultos jovens, assim como para a investigação da língua inglesa como L2 e para os testes de discriminação perceptual como medida do conhecimento fonológico em geral. Quanto à definição do construto de atenção,

por conta da ausência de consenso, os estudos foram divididos em três grupos, controle de atenção, atenção executiva e atenção dividida e orientada.

O papel das terminações de tempo passado em inglês [t, d, ɪd] na inteligibilidade de verbos regulares é examinado no artigo *English past-tense -ED allomorphs and L2 speech intelligibility: a study with Brazilian listeners*. A partir da hipótese de que, em um intervalo de quatro meses, verbos com o alomorfe [ɪd] seriam mais inteligíveis e os com o alomorfe [d], menos inteligíveis, dois instrumentos, compostos por 96 sentenças gravadas por falantes nativos de português brasileiro, espanhol, alemão e inglês, são submetidos à oitiva e transcrição ortográfica de 14 adultos brasileiros, alunos/as de um curso de Secretariado Executivo, com diferentes níveis de proficiência em língua inglesa. A comparação dos resultados obtidos nos dois testes revela que, embora se tenha observado progresso, sobretudo com relação à inteligibilidade de [d], os ouvintes demonstram dificuldade em entender a pronúncia *-ed* dos verbos regulares, o que reforça, segundo a autora, a necessidade de instrução explícita voltada à pronúncia durante o curso. Especificamente quanto aos alomorfes, a escala de inteligibilidade prevista é parcialmente confirmada, visto que [t] superou [ɪd] nos dois testes.

Com o olhar voltado para um país africano, no artigo *Padrões silábicos no Português de São Tomé e Príncipe: relações complexas*, Amanda Balduino analisa o Português urbano de São Tomé e Príncipe (PSTP), com foco na estrutura silábica, a partir do exame em conjunto destes processos fonológicos: apagamentos de *clusters*, coda e núcleo; ensurdecimento vocálico; vocalização, nasalização e posteriorização do rótico. Os resultados revelam uma relação complexa entre os padrões silábicos, evidenciando duas trajetórias gramaticais paradoxais: (a) a prevalência de sílabas CV fomentada por apagamentos e lenições, em que sílabas fechadas se adaptam em sílabas abertas, e (b) a emergência de estruturas complexas, promovida, sobretudo, pela ressilabificação de sibilantes e pelo apagamento vocálico. O estudo conclui que, considerando o fenômeno variável pesquisado, a tipologia silábica no PSTP está em processo de mudança, motivando as diferentes trajetórias referidas. A autora recomenda a abordagem da questão da diversidade de padrões silábicos, com base em modelos pautados no uso, que acomodem tal variação e sejam capazes de abarcar a complexidade dos sistemas linguísticos, incluindo o cenário de contato nas quais o PSTP está inserido.

As autoras Márcia Cristina do Carmo e Talia Ferreira Machado, no artigo intitulado *Monotongação variável do ditongo oral decrescente [ej] no noroeste paulista*, discutem, com o suporte da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), a presen-

ça *versus* a ausência do glide coronal neste ditongo decrescente, em entrevistas do banco de dados IBORUNA, resultante do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP – UNESP/IBILCE). Com análises de cunho qualitativo e quantitativo, a partir do programa estatístico *Goldvarb-X*, o estudo corrobora os resultados de outras pesquisas no sentido de que a monotongação é motivada destacadamente por fatores linguísticos, ocorrendo em contexto de tepe ou fricativa subsequente. Conclui que o processo não é estigmatizado socialmente e que a investigação aqui apresentada veio preencher a lacuna referente ao noroeste paulista nos estudos sobre monotongação no português brasileiro.

O mesmo ditongo é foco do estudo de Danielle Kely Gomes, no artigo intitulado *A monotongação de /ei/ na norma urbana do Português de Moçambique*, com a apresentação de dados do português de Moçambique a partir de 18 entrevistas recolhidas em Maputo, capital do país africano (VIEIRA; PISSURNO, 2016). Embora essa variedade africana do português apresente a monotongação de /ei/ em índice relativamente baixo, confirma a tendência a que fricativas palatais e rótico no contexto seguinte favoreçam o processo, em consonância com a observação do condicionamento linguístico identificado em pesquisas voltadas para o português brasileiro. Quanto às variáveis sociais, estas são significativamente relevantes para a implementação da variante monotongada no português de Moçambique, concorrendo para o processo a *relação entre o português e as línguas locais*, o *sexo*, a *faixa etária* e o *estatuto de aquisição do Português*. Há, portanto, no processo foco da análise, em uma variedade do Português ainda em formação, os efeitos do contato entre línguas, o que atribui especificidade ao estudo do fenômeno.

Um exercício de investigação de tipologia fonológica estrutural e areal na Amazônia colombiana é apresentado no artigo *Lenguas habladas en la Amazonía colombiana: un ejercicio comparativo entre resultados que siguen la propuesta de alternâncias sonoras em sua alcances estructurales y areales*, a partir do emprego de critérios fonológicos de identificação de alternâncias sonoras e da testagem de métodos que envolvem ou excluem georreferenciamento. A divisão linguística entre o Vaupés e o eixo Caquetá-Putumayo, identificada por meio de métodos sem georreferenciamento por Dixon e Aikhenvald (1999), é revisada pelo estudo com base na análise de 25 línguas, de 10 famílias linguísticas distintas, faladas por comunidades amazônicas situadas na Colômbia, e de 75 variáveis linguísticas, sendo sete prosódicas, 34 consonantais e 34 vocálicas. O resultado atingido aponta que os métodos de agrupamento de línguas sem georreferenciamento não são eficientes para as classificações areais e que a análise de variáveis fonológicas contribui positivamente para a identificação de uma nova divisão territorial, que separa o Vaupés em norte e sul,

respectivamente pela ausência de africacão da oclusiva dental surda e presença dessa africacão, e para a delimitação de novos territórios, o da Zona Tikuna e da Guainía-Guaviare.

À luz da Otimidade Estratal (KIPARSKY, 2000; ORGUN, 1996), o artigo *Palatalización de consoantes velares em wichí (Mataguaya)* oferece uma análise do processo variável de palatalização das consoantes /k/ (→ [tʃ]) e /x/ (→ [ç]) em wichí, língua da família mataguaya falada na Argentina, especificamente na região norte e na fronteira com a Bolívia. O processo assimilatório progressivo, sensível à fronteira morfológica e às vogais /i/ e /e/, é examinado a partir de dados fornecidos por três falantes nativos e residentes nas regiões citadas. A análise apresentada pela autora mostra que a palatalização ocorre em wichí no domínio da palavra fonológica, composta pela base e pelos sufixos/enclíticos, e de acordo com determinadas condições, que envolvem a posição intervocálica da velar, a tautossilabidade com a vogal gatilho e a posição de ataque da consoante palatalizada resultante. As restrições estabelecidas para a explicação do processo em foco envolvem quatro conjuntos – restrições de fidelidade, prosódicas, de alinhamento e de marcação –, sendo que a palatalização é ativada quando marcação domina fidelidade.

O impacto da velocidade de fala manipulada na aceitabilidade e inteligibilidade de textos de advertência veiculados por anúncios no Brasil é tratado no artigo *Percepção de fala comprimida*. A fim de testar a hipótese, baseada em Moos et al. (2008), Moos & Trouvain (2007), de que pessoas com deficiência visual são capazes de usar partes de seu sistema visual para melhorar o processamento da fala, seja por uma melhor acuidade auditiva, seja por uma melhor memória de curto prazo, o estudo considera uma amostra de respondentes composta por 60 adultos, 30 cegos e 30 videntes, para a avaliação de 36 sentenças produzidas por um falante nativo do PB e manipuladas quanto ao parâmetro de duração com o auxílio do software Praat. Os resultados obtidos indicam que o aumento da taxa de elocução diminui tanto a inteligibilidade quando a aceitabilidade das sentenças, sem diferença significativa entre os grupos de cegos e videntes considerados, fato que aponta, de acordo com a autora, para a necessidade de uma legislação mais precisa quanto à taxa de elocução das advertências do tipo de anúncio considerado, destinado, sobretudo, a pessoas que não conseguem ler.

O artigo *Prosódia dialetal e estruturas sintáticas: resultados preliminares sobre a materialização do desgarramento nos falares de João Pessoa e de Porto Alegre* descreve, à luz da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 2007) e do Modelo Autossegmental e Métrico da Fonologia Entoacional (PIERREHUMBERT, 1980; LADD, 2008), as propriedades prosódicas de orações desgarradas nas variedades pessoense e porto-alegrense a fim de

(i) realizar uma comparação com os resultados obtidos por Silvestre (2021) para o Rio de Janeiro-RJ e (ii) analisar o papel condicionador da entoação regional na sintaxe específica desse tipo de oração no PB. O corpus analisado envolve 180 orações adverbiais canônicas anexadas à oração matriz e 180 orações desgarradas correspondentes produzidas por quatro participantes, duas de João Pessoa-PB e duas de Porto Alegre-RS. Os parâmetros fonéticos observados, com o auxílio do software Praat, são o contorno melódico, a duração, a gama de variação de F0 no final do sintagma entoacional e os tons predominantes no início do sintagma entoacional. Com base na amostra analisada e na comparação com a amostra do Rio de Janeiro-RJ (SILVESTRE, 2021), as autoras concluem que o desgarramento sintático se manifesta, nas variedades estudadas, pelo maior peso fonológico no fim do sintagma entoacional, verificado pelo alongamento das sílabas finais. Adicionalmente, apontam que orações desgarradas não estão isentas de revelar características prosódicas regionais, já que, tanto para os dados porto-alegrense quanto para os pessoenses, o contorno predominante em orações anexadas à matriz, que difere as duas amostras, foi também produtivo nas desgarradas.

É com grata satisfação que convidamos à leitura dos estudos que compõem o dossiê *Fonologia e Interfaces* da revista Working Papers em Linguística. Esperamos que as doze interfaces aqui representadas contribuam para novas perspectivas de investigação do sistema fonológico das línguas.

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer e Cláudia Regina Brescancini

Referências

- BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016 [2002].
- CRISTÓFARO SILVA, T.; GOMES, C. A. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos. In: GOMES, C. A. (Org.). *Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplos: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística*. São Paulo: Contexto, 2020.
- DIXON, Robert; AIKHENVALD, Alexandra. Introduction. En: DIXON, Robert; AIKHENVALD, Alexandra (Ed.). *The amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 1-22.
- KIPARSKY, Paul. Opacity and cyclicity. *Linguistic Review*, v. 17, p. 351-365, 2000.
- LADD, R. *Intonational phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MIRANDA, A. R. M. Aquisição da Linguagem: escrita e fonologia. In: LazarottoVolcão, Cristiane; Freitas, Maria João. (Org.). *Estudos em fonética e fonologia: coletânea em homenagem a Carmen Matzenauer*. Curitiba: CRV, 2018. 396p.

MOOS, A. et al. Perception of Ultra-Fast Speech by a Blind Listener – Does He Use His Visual System? *Proceedings of the 8th International Seminar on Speech Production, ISSP*, p. 297-300, 2008.

MOOS, A.; TROUVAIN, J. Comprehension of ultra-fast speech-blind vs. “normally hearing” persons. *Proceedings of the 16th International Congress of Phonetic Sciences*, Saarbrücken, p. 677-680, 2007.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Mouton de Guyter: Berlim, 2007

ORGUN, Cemil Orhan. *Sign-Based Morphology and Phonology, with special attention to Optimality Theory*. Tesis doctoral. Universidad de California, Berkeley, 1996. Disponible en: <http://roa.rutgers.edu/files/171-0197/171-0197-ORGUN-0-0.PDF>. Acceso en: 15 jun. 2020.

OOSTENDORP, M. VAN; EWEN, C.; HUME, E.; RICE, K. (Ed.). *The Blackwell companion to phonology*. Hoboken, New Jersey: Wiley-Blackwell, 2011.

PIERREHUMBERT, J. The phonology and phonetics of English intonation. PhD Thesis. Massachussets: M.I.T, 1980.

PIERREHUMBERT, J. B. Probabilistic Phonology: discrimination and robustness. In: R. BOD, J. HAY, S. JANNEDY (Ed.). *Probabilistic Linguistics*. Cambridge: MIT Press, p. 177-228, 2003.

PIERREHUMBERT, J. B. Phonological representation: beyond abstract versus episodic. In: *Annual Review of Linguistics*, v. 2, 33-52, 2016.

RAMCHAND, G.; REISS, C. (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Interfaces*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SILVESTRE, A.P.S. “Ai, se eu te pego...”: Aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa. Editora da Abralín, 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018. [1968].